

JULIANA FLORENTINO CARVALHO SILVA

**Olhares de Negritude**

Santos

2019

JULIANA FLORENTINO CARVALHO SILVA

## **Olhares de Negritude**

Projeto de Intervenção apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a conclusão do curso de especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Christofolletti Moreno

Santos

2019

Ficha catalográfica elaborada pela autora com base no modelo da  
Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Juiz de Fora

Silva, Juliana Florentino Carvalho

Olhares de Negritude / Juliana Florentino Carvalho Silva – 2019.  
20 f. il. ; tabs.

Orientadora: Patrícia Christofolletti Moreno

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade  
Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Especialização  
em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, 2019.

1. Ensino de História; 2. Movimentos Sociais; 3. Protagonismo  
das mulheres; 4. Mulheres; 5. Feminismo; 6. Serviço Social; I. Moreno,  
Patrícia, orient. II Olhares de Negritude.

## Folha de aprovação

Autora: Juliana Florentino Carvalho Silva

Título: Olhares de Negritude

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso

Objetivo: Conclusão de Curso de Especialização

Instituição: Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Nome:	Instituição
-------	-------------

---

Nome:	Instituição
-------	-------------

*“Fomos educadas para respeitar  
mais o medo do que a nossa  
necessidade de linguagem e  
definição, mas se esperamos em  
silêncio que chegue a coragem, o  
peso do silêncio vai nos afogar.”  
(Audre Lorde)*

## AGRADECIMENTOS

Mais difícil que escrever um Trabalho de Conclusão de Curso, só os agradecimentos, porque é algo que remete as lembranças não só destes últimos 1 ano e 8 meses, mas de uma vida de 36 anos. Agradeço a cada pessoa que passou em minha vida, impossível citar todos.

Agradeço ao meu pai **Mauro Florentino da Silva** (*in memoriam*), homem de imenso caráter que desde pequena me incentivou muito a estudar, que sempre priorizou a educação como se fosse um diamante sendo lapidado aos poucos pacientemente, obrigada pelo grande homem que foi e que ainda é como exemplo.

A única que entende o que é lutar ao meu lado. Ela lutou sem nem mesmo saber que estava lutando e resistindo, minha mãe **Vanda Carvalho Silva**. Mulher preta, que trabalhou na roça quando criança, descendente de escravos, que passou por tudo que uma criança não deveria passar, mas que saiu vitoriosa, uma vitória contra o sistema opressor e a sociedade racista. Ela esteve ao meu lado, do seu jeito, sempre. Foi com ela que aprendi tudo e continuo aprendendo. Sem ela eu não estaria onde estou hoje. “Te amo manhê”.

Ao meu essencial companheiro **Gabriel Simões Liberato Scioli**, que esteve comigo em tudo que eu sempre precisei, formatou e arrumou muito meu computador para eu poder escrever e estudar, sempre respeitou meu espaço, meus momentos, minha personalidade, meus ideais, que nunca me abandonou no meio de nossa caminhada há 12 anos juntos, repleta de momentos muito difíceis que sem você teria sido ainda pior, assim como de tantos momentos bons. Não há nada melhor e mais forte que o amor verdadeiro. Xangô não vive sem Oyá.

Agradeço às minhas amadas filhas **Anna Gabrielle** e **Maria Clara** por manterem a confiança na mãe delas e sempre mostrarem, sem mesmo saber, como é ter esperança e acreditar. Sem vocês nada sou.

À toda minha família, principalmente a sogra **Roseli** e o sogro **Roberto**, aos meus amigos mais próximos e aos que sempre acreditaram em mim.

Gratidão às professoras e tutoras que tive contato nessa construção de saberes, principalmente à minha querida e paciente orientadora **Patrícia Christofolletti Moreno** e **Jussaramar da Silva**

Ao coletivo de mulheres negras **Ecoa Preta**, que nasce em meio ao racismo institucional acadêmico à todas membros, obrigada por seguirem com a minha ideia e de outras mulheres negras e resistirem nos espaços, pela acolhida, convivência e ensinamentos.

Aos orixás e a exu. Atotô. Eparrey. Laroyê. Sou grata.

## RESUMO

O presente projeto de intervenção é o resultado de uma pesquisa durante um ano na área de ciências humanas, que busca retratar a vivência e realidade de mulheres negras na diáspora, que por si só não é o único enfrentamento na questão de garantia de direitos que deve ser observado, mas é uma das pontas que devem ser amarradas para que se entenda a relação dos equipamentos disponíveis executadores de políticas públicas com as mulheres negras e periféricas, que conhecem de forma empírica a dinâmica de um sistema opressivo e que trazem em forma de resistência sua militância a favor da classe trabalhadora e dos direitos das mulheres.

**Palavras-chave:** ensino de história; movimentos sociais; protagonismo das mulheres; mulheres; feminismo; serviço social; história.

## ABSTRACT

This intervention project is the result of a one-year research in the humanities area, which seeks to portray the experience and reality of black women in the diaspora, which in itself is not the only confrontation in the issue of guaranteeing human rights that should to be observed, but it is one of the points that must be tied to understand the relation of available public policymakers with black and peripheral women, who know empirically the dynamics of an oppressive system and bring in the form of resistance its militancy in favor of the working class and the rights of women.

**Keywords:** history teaching; social movements; women's protagonism; women; feminism; social service; story.



## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
3. JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETIVO GERAL.....	12
3.1. Objetivos Especificos .....	12
5. REVISAO DA LITERATURA.....	12
5.METODOLOGIA .....	18
5. REFERÊNCIAS.....	19

**OLHARES DE NEGRITUDE**  
**JULIANA FLORENTINO CARVALHO SILVA**  
**PATRICIA CHRISTOFOLETTI MORENO**  
**JULHO/2019 – SANTOS**

## **Apresentação**

Refletindo com o foco voltado para a miscigenação, que simbolizava para muitos a existência no Brasil de uma democracia racial, os estudos sobre o folclore foram se aprofundando, assim como as discussões em torno da definição dos limites que esse campo abrangia. Por último, chegou-se a um consenso, onde passou a se designar como fato folclórico aquelas tradições perpetuadas pela população que se referem aos seus modos de pensar e agir, expressas em vários campos de sua vida. Desse modo, se no Brasil as nossas raízes culturais são muitas, a cultura popular está imersa em uma mística totêmica indígena e africana, que desenvolveu mitos, lendas, contos, assim como brincadeiras para educar nossas crianças. Também se expressou nas nossas músicas, danças que ganham espaço em muitas festas Brasil afora.

O povo brasileiro, como analisa Darcy Ribeiro (1995, p. 19), “surgimos da confluência, do entrecchoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos”. Esse mesmo antropólogo ainda lembrou que a confluência dessas diversas matrizes poderia ter resultado em uma sociedade “dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis”, porém, o que aconteceria seria o contrário (RIBEIRO, 1995, p. 20). Contudo, uma “uniformidade cultural” e a “unidade nacional” da qual fazemos parte, não pode de acordo com ele, cegar-nos para as disparidades e contradições sociais aqui existentes.

Passando pela história das mulheres negras, um dos temas que chama atenção é como culturalmente os estereótipos negativos criados contra a mulher, se aprofundam ainda mais com as mulheres negras em suas particularidades, que são hiperssexualizadas por causa de sua cor, e assim, fomentam a violência contra a mulher e desrespeitam o corpo feminino. Quem respeita os corpos

negros em uma sociedade adoecida? Quem tem empatia com a mulher negra enquanto ser histórico?

Já no tocante a hiperssexualização, a grande questão não é a de que corpos negros devem ser tolhidos, mas sim: respeitados.

## **Problematização**

Aprendemos que biologicamente há apenas uma raça: a humana. No entanto, muitos utilizam-se desta informação para pregar a falsa ideia de harmonia entre as raças no Brasil, apagando as diferenças, homogeneizando as etnias e mascarando a política de branqueamento e o seu racismo. A eugenia e seus efeitos no Brasil e no mundo, como o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial e a escravização de indígenas e negros durante o período colonial no Brasil e, posteriormente, o avanço da política de branqueamento, que buscava tornar o Brasil um país de brancos, apagando toda contribuição indígena e negra.

Inicialmente a ideia era “clarear” a população por meio da miscigenação. Contudo, o gene da pele negra é dominante, e no período de um século, tivemos uma população cada vez mais escura, fenótipo. Já que não foi possível o branqueamento biologicamente, isso se concretizaria ideologicamente. Passou-se a divulgar a imagem de que tudo que fosse da comunidade negra era ruim e tudo que fosse da comunidade branca era bom.

Assim, o mestiço, por exemplo, passou a ser considerado bom, pois era mais claro que o considerado negro. Tudo devia se aproximar do branco. Com isso, fortaleceu-se o preconceito e o racismo no país, transformando-o no que, infelizmente temos hoje, uma nação que ainda exclui e mata negros e indígenas.

É a partir deste recorte, que a interseccionalidade dos movimentos busca atender e lutar por todas as demandas das pessoas negras, não priorizando somente seu corpo, mas todas as opressões vivenciadas e presentes em nossa sociedade, unindo a luta de mulheres junto a sororidade que cada mulher negra transpassa quando se entreolham.

## **Justificativa**

A identidade das mulheres negras, com o clamor do movimento negro, passou a ser levada em consideração na elaboração de políticas de saúde para a população negra, com o intuito de amenizar o racismo existente e latente nas instituições de saúde.

O peso da representatividade de pessoas negras em lugares não subalternos sendo ocupados é uma das ideias a serem mostrados na discussão que será apresentada no mini documentário a ser apresentado. Ao pensar em uma aliança entre educação, história e ativismo, uma frente seria a educação em direitos humanos, que pode contribuir essencialmente para a promoção e aprofundamento dos Direitos Humanos com uma abordagem multidimensional e transversal.

## **Objetivo Geral**

Apresentar a realidade vivenciada por mulheres negras na diáspora

## **Objetivos Específicos**

- Refletir acerca da história dos negros no Brasil
- Entender como se organizam as mulheres negras na diáspora
- Apresentar a vivência de mulheres negras a partir de recurso audiovisual

## **Revisão da literatura**

Consequência direta da escravidão no Brasil, a população negra foi alijada de vários espaços da sociedade, a ideia desta pesquisa é trazer análises mais aprofundadas da perspectiva racial. A perspectiva teórica adotada aqui consiste em perceber que as relações entre classe, gênero e raça não atuam de forma

segmentada ou fragmentada, elas tem conexões históricas, fazem parte de um mesmo processo dando origem ao nó das contradições sociais.

O recurso didático selecionado será a produção de um mini documentário, que abordará a temática tratada, passando desde a temática histórica, cultural e os dias atuais, no que se refere a história da mulher negra em nosso país e como tem se traçado sua trajetória em tempos atuais, aproveitando assim minha experiência com a direção de fotografia e minha proximidade com o coletivo de mulheres negras Ecoa Preta.

Com o iluminismo, a ideia de igualdade começa a ser mais destacada, porém ainda com a chegada do liberalismo torna-se algo que não estava ao alcance de todos e, num terceiro momento da história, podemos dizer que estamos caminhando para que a igualdade seja de fato efetivada como forma no mínimo de reparação social de injustiças, de materializar a justiça de forma dinâmica.

Se a transformação que necessitamos é geral, a que mais necessita ser evidenciada é a política, pois se a mesma for norteada efetivamente na questão de garantia de direitos iguais a todos, não haveria sequer a necessidade de lutar para garanti-los, como traz o preâmbulo da Constituição Federal de 1988: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do seu direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:" (caput do art. 5º da Constituição Federal de 1988).

Como se vai à luta, senão sendo utópico? Do grego "ou+topos" a palavra utopia significa "lugar que não existe". Utopia é o que está em nosso horizonte, a qual temos como senso comum de inatingível, muitas vezes apenas um sonho. Pode ainda, ser considerado um termo de uma doutrina social que deseja uma transformação da ordem societária vigente, buscando alcançar seus objetivos de acordo com o que determinadas classes sociais necessitam. Não há possibilidade de se ir à luta, sem antes almejar algo que muitas vezes é inatingível, é utópico. Criar utopias de transformação e mudança social e assim buscar um conhecimento crítico da realidade social e a construção de uma identidade social individual e coletiva, na busca por outra sociabilidade para o povo negro.

Será sob essa ótica, que esta pesquisa se desenvolverá, a partir do aporte teórico baseado majoritariamente por autoras mulheres, a relação abaixo de indicações de referências bibliográficas ainda poderão provavelmente se mutar, trazendo mais referências na temática para embasamento teórico-metodológico.

É de conhecimento, que muitos intelectuais defenderam políticas de branqueamento da população, com o incentivo da vinda de imigrantes europeus, permitindo a sociedade brasileira “civilizar-se” e assim, “purificar-se” de todo e qualquer malefício que assolasse o país. Mudanças no contexto histórico, sobretudo, na política com o fim da ditadura militar e a redemocratização do país, trazem a tona muitas discussões sobre a necessidade de um maior reconhecimento e também exaltação dessa miscigenação cultural existente no Brasil. Para tanto foram criadas políticas que incentivam os estudos das nossas heranças africanas. Vimos que essas heranças se deram a partir dos encontros, muitas vezes conflituosos, entre as matrizes indígenas, portuguesa e africana, desses encontros eu entendo que a miscigenação futura nada mais é do que o fruto dos estupros sofridos pelos povos escravizados, não é legal nem bonito se orgulhar da miscigenação. Os negros foram trazidos para cá como escravos e sob essa condição por séculos, quando da abolição da escravidão no país, as populações afro-brasileiras não tiveram as suas condições de vida equilibradas ao contexto que as cercava, o que deu margens à sua discriminação que ocorre até os dias de hoje. (SALAINI, 2013, p. 100-111.)

Os Direitos Fundamentais têm contribuído para o progresso moral da sociedade, pois são direitos inerentes à pessoa humana, pré-existentes ao ordenamento jurídico, visto que decorrem da própria natureza do homem. Portanto, são indispensáveis e necessários para assegurar a todos uma existência livre, digna e igualitária, pois se desenvolveram na travessia do tempo. Em primeiro momento exigindo a não intervenção estatal, e, com a mudança social, da revolução industrial, pleiteando a atuação positiva do mesmo, para que os Direitos fossem protegidos e tutelados. Ao se estabelecer a premissa de que o Direito à saúde é um Direito fundamental, fez-se necessário determinar a sua aplicabilidade no ordenamento jurídico Brasileiro.

Quando se trata de Direitos Humanos é necessário compreender que o seu surgimento ocorreu em momentos históricos que, de certa forma, imprimiram à condição humana uma existência que colocava em risco a própria continuidade

da humanidade como um todo são conceitos que não se excluem, mas antes reforçam a necessidade de pontuar o quanto a natureza humana é frágil para enfrentar uma série de forças históricas, tanto no campo político, quanto econômico, que podem colocar a existência humana e de forma digna em risco. Diante disso, surge a necessidade de um conjunto mínimo de Direitos capaz de amparar a frágil natureza humana.

Porém, mesmo diante de todo o aporte histórico que está impresso em nossa sociedade, nem todas as populações usufruem da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A escravidão que assolou diversos povos em determinado período histórico, hoje nos mostra diferentes roupagens, onde o emprego muitas vezes é o trabalho escravo e as favelas são suas senzalas, onde parecem viver de forma enraizada o estereótipo criado por uma sociedade escravagista e burguesa ao qual as pessoas periféricas não se desatrelam, coincidentemente essas pessoas periféricas em sua maioria são pessoas negras, porque historicamente se mantém a margem da sociedade assim como o período da escravidão em nosso país.

Diante disso, as pessoas negras, em sua maioria mulheres buscaram e buscam formas de enfrentamento aos racismos, mas por que aos racismos? Plural? O racismo tem diversas faces, ele vem de forma sorrateira, velado, institucional, estrutural, xingado, falado, sentido, chorado. E é nas cartografias urbanas de afeto que as pessoas buscam sua cura. Não há sociedade capitalista, sem racismo. É a partir deste recorte que grupos de pessoas buscam 'aquilombar-se' em forma de resistência às respostas impostas pelo capital e pelo Estado.

O grande mito da democracia racial, que é a terminologia utilizada para retratar as relações raciais no país, o conceito se refere a suposta crença de que não existe discriminação racial, nem racismo, no Brasil, porém é de conhecimento público via mídias principalmente, que o racismo é infelizmente um crime existente no Brasil, por isso não passa de um mito, e, é a partir disto ter se tornado um mito que devemos trabalhar ainda mais para extinguir o preconceito enraizado em nossa sociedade escravagista, que criminalizava quilombolas e hoje marginaliza a cultura africana. A igualdade tem se mostrado longe, ao horizonte, no caso do povo negro é quase utópico, afinal não somente de ações afirmativas vivem as pessoas. É necessário que seja abandonado o

velho modelo racista, abdicar por total, estar disposto a alcançar a igualdade, mais ainda: a equidade, a mudança. As ações segregadoras nos dias de hoje são sutis, mas quem as sofre percebe calado. O racismo é um crime perfeito. Por estes motivos, o movimento negro reivindica suas pautas como reparação e justiça social histórica e não “vitimismo”.

O movimento negro na cidade de Santos não tem sua liderança centralizada em uma só pessoa. São ações coletivas a partir de decisões em conjunto durante assembleias e reuniões. Da mesma forma se dá a militância no feminismo negro e na vertente do feminismo negro<sup>1</sup> interseccional, que conta com muitas mulheres negras adeptas na região em organizações coletivas com lideranças descentralizadas, um dos motivos para que as decisões não detenham poder de liderança em uma só mulher é para que em momentos de manifestações e ocupações não ocorram atos de violência contra uma única pessoa tida como líder, vislumbrando assim, a segurança de suas militantes.

Dentre tais diferenças podemos destacar o fim da violência obstétrica na qual 60% das vítimas, são negras. O aborto ilegal mata mulheres pobres que o realizam em condição precária em sua maioria são negras. A estética ancestral da mulher negra é alvo de ‘chacotas’, preconceito e racismo. Os estereótipos negativos criados contra a mulher, se aprofundam ainda mais com as mulheres negras que são hiperssexualizadas e lidas como “mulheres que não são para casar” por causa de sua cor. A má remuneração salarial que atinge as mulheres, no caso de negras é ainda mais subalterno.

O feminismo começa no século XIX no mundo com a reivindicação de direito ao voto, que é conseguido em 1932. A segunda grande parte do feminismo volta a luta por volta de 1968, a partir da década de 1970 e se intensifica, e em 1975 a ONU (Organização das Nações Unidas) declara a década da mulher em um congresso no México, um período difícil para as mulheres, principalmente as intelectuais da época, com perseguições ditatoriais,

---

<sup>1</sup> O Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. No Brasil, seu início se deu no final da década de 1970, a partir de uma forte demanda das mulheres negras feministas: o Movimento Negro tinha sua face sexista, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e impediam que as ativistas negras ocupassem posições de igualdade junto aos homens negros; por outro lado, o Movimento Feminista tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas. (ARRAES, 2016)



porque o feminismo era associado a dissolução da família e a degradação da mulher, até o fim de 1990 foi um movimento com uma força descomunal, com o embate à um poder hegemônico masculino incluindo que o homem poderia castigar mulheres fisicamente, logo a luta é, e sempre foi, por equidade de direitos. A luta segue até os dias de hoje, porém com uma força mais política.

Existe um grande preconceito em torno da ideologia do feminismo, porque transformava o privado em político, dando liberdade de escolha a mulher podendo dizer não às violências e opressões. O movimento deve manter o diálogo com o Estado e a opinião pública para manutenção de políticas públicas direcionadas às mulheres. O caminho traçado pelo movimento feminista até os dias de hoje ainda traz muitas das mesmas reivindicações da década de 1970. Nas palavras de Valente (2004) o feminismo é:

considerado possivelmente o fenômeno subversivo mais significativo do século XX por sua ruptura paradigmática com uma cultura política profundamente autoritária e excludente para as mulheres e outros atores não hegemônicos.

Sob a ótica das mais diversas situações, principalmente a feminização da pobreza e negação de acesso aos direitos, vem nascendo nas periferias das cidades urbanas um anseio maior por parte das mulheres, em sua maioria negras, que seguem na labuta pela reivindicação de acesso a direitos que atendam a suas necessidades. Larissa Santiago, que escreve para o Blogueiras Negras, afirma que: “2016 será o ano de refazer os laços entre nós e entre todos que acreditam nas mudanças e na revolução capitaneada pela mulher negra”. Larissa aponta para uma luta que deverá permanecer impetrada no seio da sociedade burguesa sem data para acabar, com protagonismo e organização advindas de mulheres que travam há muitos anos uma luta contra o patriarcado (SANTIAGO, 2016).

## **Metodologia/Detalhamento do projeto/Plano de ação**

Esta pesquisa, de caráter exploratório, tem como objetivo aprofundar o conhecimento obtido durante a pós-graduação sobre política e movimentos sociais, tendo como foco o protagonismo das mulheres à frente dos movimentos sociais. Analisa como se dão os processos de motivação para luta pela garantia de direitos, mobilização, organização popular, reivindicações, suas estratégias e diálogo social. Busca identificar o enfrentamento às demandas e como lidam as mulheres protagonistas no movimento negro.

A partir dos breves recortes aqui explicitados, podemos dizer que o direito a cidade dignifica viver dignamente, com direitos garantidos e efetivados, mas tal fator só é possível a partir de uma transformação política. A igualdade é historicamente vista de diversas formas pelas diferentes sociedades, tanto que pudemos ter momentos de extrema desigualdade, como mais adiante se faz presente a isonomia, na qual os iguais são tratados igualmente e os desiguais tratados desigualmente, na medida de sua desigualdade. É necessário equidade de direitos.

Se a transformação que necessitamos é geral, a que mais necessita ser evidenciada é a política, pois se a mesma for norteada efetivamente na questão de garantia de direitos iguais a todos, não haveria sequer a necessidade de lutar para garanti-los, como traz o preâmbulo da Constituição Federal de 1988: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do seu direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:" (caput do art. 5º da Constituição Federal de 1988).

Ainda que as informações dos principais institutos de pesquisa apontem dados sobre a feminização da pobreza e sobre a presença significativa das mulheres nos programas sociais, afirma-se também a crescente presença das mulheres nos espaços de ação coletiva e organização política, nos processos de reivindicação por direitos e na defesa do seu acesso para si mesmas e suas famílias, notadamente nas regiões periféricas da cidade de

Santos e as principais demandas e reivindicações que adensam a agenda política dos movimentos sociais protagonizados por mulheres.

Diante do atual cenário sociopolítico em nosso país e pensar na articulação de (sobre)vivência das mulheres negras, historicamente vinculadas por racistas a condições subalternas, sobre o atual momento político do país e como isso reflete em sua condição diante de uma sociedade que em sua maioria crê no mito da democracia racial.

#### Referências

ACANDA, J.L. **Sociedade Civil e Hegemonia**. Tradução Lisa Stuart. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

Althusser, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ARRAES, Jarid. **Feminismo Negro: Sobre minorias dentro da minoria**. Revista Fórum. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>> Acesso em 08/03/2019

BATALHA, Elisa. **Mapa de Enfrentamento aos Racismos**. RADIS, Revista. Edição 190, p. 10, jul/2018

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados 17** (49), p1, 2003.

CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Gênero: Desafios para o Serviço Social**, 1ed. Brasília/DF: Abaré Editorial, 2015.

DIÁLOGO SEM FRONTEIRA - **A CONSTRUÇÃO DO BRASIL E DO BRASILEIRO** - JORGE COLI. São Paulo: Produtora RTV Unicamp, 2013. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=zj3HnsFx\\_O0&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=zj3HnsFx_O0&feature=youtu.be)>. Acesso em:24/07/2018.

FERNANDES, Florestan. **Existe uma Crise da Democracia no Brasil?** Conferência pronunciada no Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política no Ministério da Educação em 28/06/1954

KOWARICK, Lucio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil.** Fotografias de Antonio Saggese. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALAINI, C. J. **Sobre as teorias raciais.** In: CARVALHO, A. P. et al. **Desigualdades de gênero, raça e etnia.** Série Temas Sociais e Contemporâneos. Curitiba: Intersaberes, 2013, p. 100-111.

SANTIAGO, Larissa. **Blogueiras Negras.** Disponível em <http://blogueirasnegras.org/author/larissantiago/page/3/> Acesso em 08/03/2019

VALENTE, Virgínia Vargas. **“Los feminismos peruanos: breve balance de três décadas”.** In **Histórias, confluências y perspectivas – 25 años de feminismo en el Peru.** Peru: Heinrich Bollstiftung, 2004.

WATERS, Mary Alice. **Marxismo y feminismo.** 2. Ed. Barcelona: Fontamara, p.80, 1979.